A RELIGIÃO DE AKHENATON E A SUPRESSÃO DO CULTO A OSÍRIS

The Religion of Akhenaten and the suppression of the cult to Osiris

Leyserée Adriene Fritsch Xavier[*]

RESUMO

Akhenaton, faraó da XVIII Dinastia, promoveu uma reforma religiosa e elevou Aton ao lugar de divindade suprema. Também destituiu os demais deuses, dispensando o universo mitológico que sustentava a idéia do julgamento do coração do falecido, perante Osíris, e a ressurreição no Duat. O monarca egípcio privilegiou o momento presente em detrimento de uma exploração do tema post mortem, e localizou a sua nova crença na adoração do disco solar, ao mesmo tempo em que enfatizou os elementos do seu ensino religioso no aqui e no agora.

Palavras-chave: Akhenaton, Aton, Osíris

ABSTRACT

Akhenaten, pharaoh of XVIII Dynasty, promoted a religious reform and raised Aten to a position of supreme divinity. The king had dismissed all the others gods, displacing the mythological universe that supported the idea of the deceased's heart judgment, before Osiris, and the resurrection in the Duat. The egyptian monarch favored the present time instead of focusing at the post mortem and established the new belief at the solar disc worship, emphasizing, at the same time, his religious teachings in the here and now.

Keywords: Akhenaten, Aten, Osiris

* Psicóloga, Especialista em Psicanálise (PUCPR) e em História Antiga (Faculdade Bagozzi), Mestre em Filosofia (PUCPR), doutoranda em Filosofia (PUCPR)

Introdução

Akhenaton, cujo reinado se estendeu de 1358 a 1340 a.C.[1], é o nome que Amenhotep IV, faraó da XVIII Dinastia, escolheu para ser designado, logo após introduzir a nova religião atoniana no Antigo Egito. Esta, em contrapartida a todas as concepções anteriores, vislumbrava como centro de adoração o deus Aton, cuja representação era o disco solar, do qual partiam inúmeros raios finalizados em mãos, que inicialmente seguravam diversos objetos, porém, em fases posteriores, exclusivamente o ankh. A reforma de Akhenaton iniciou-se de um modo brando, admitindo outras representações de divindades ao lado de Aton. A mudança radical, em detrimento dos outros deuses, ganhou maior expressão entre o terceiro e quinto anos do seu reinado, período esse em que o faraó fundou Akhetaton, a nova capital,[2] e ordenou o fechamento de vários templos que funcionavam em honra a outras divindades, não transigindo mais com a presença de muitos aspectos da religião politeísta anterior. Esse fato fica bem evidente quando observamos as tumbas dos nobres. Diferentemente das sepulturas localizadas no Vale dos Reis, anteriores ao período que ora tratamos, as decorações das tumbas de Amarna não retratam a mitologia em torno de Osíris e da concepção da continuação da vida pós-morte no Duat, mas trazem em seu lugar várias representações da família real em adoração ao disco solar atoniano.

É perceptível, então, que a religião instaurada pelo faraó Akhenaton suprimiu, aos poucos, o poder das outras divindades, de maneira que Osíris e sua mitologia, concernente ao julgamento dos mortos e ao mundo do além, deixaram de ser consideradas pela nova crença.

1 A data do reinado de Akhenaton pode variar de acordo com cada autor. Assim, para Donald Redford, ocorreu entre 1377 e 1359 a.C, In: REDFORD, Donald B. Akhenaton, the heretic king. Cairo: The American University in Cairo Press, 1997, p. 57 e 193, enquanto que para Aldred, deu-se entre 1358 e 1340 a.C, In: ALDRED, Cyril. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 11.

2 Akhetaton, atual Tell-el-Amarna, situa-se a cerca de 350 km ao norte de Tebas, atual Luxor.

Mas a supressão das crenças tradicionais no Duat e no julgamento na sala das Duas Verdades deixa algumas interrogações: como Akhenaton encaminhou a questão em relação ao outro mundo e à vida pós-morte? Teria ele substituído Osíris e o Duat por outras representações relativas ao além? Em outras palavras, a nova religião abordou toda essa problemática ou simplesmente não se preocupou com ela? Na procura por respostas, o foco do presente artigo está na constatação da supressão da crença em Osíris e na investigação a respeito da nova concepção da religião atoniana no que concerne à vida após a morte.

Contudo, tendo em vista analisar como Akhenaton lidou os temas sobre a vida post mortem no culto a Aton, ou seja, como o faraó respondeu - e se respondeu - ao que sucede ao falecido, consideramos importante ponderar o que mudou em relação à crença anterior. Desse modo, o artigo se desdobra em três momentos: no primeiro, concentramo-nos nas concepções funerárias tradicionais; no segundo, analisamos a nova crença em Aton; e, no terceiro, tecemos uma reflexão sobre as diferenças e as semelhanças entre a religião tradicional e a Nova Teologia Solar. A seguir examinaremos cada um desses aspectos separadamente.

Osíris e a crença no além

No Antigo Egito, Osíris era uma divindade que residia e que exercia seu poder no Duat, região do submundo. Segundo Hart, desde o seu surgimento, na V Dinastia, sob o faraó Izezi, a representação de Osíris era antropomórfica, portando o cajado - símbolo do pastor que cuida do seu rebanho - e o mangual - instrumento que separa o trigo do joio -, e trazendo a coroa-atef - coroa cônica com uma pluma de cada lado e chifres de carneiro.[3] Apesar da dificuldade em esclarecer a origem precisa do seu nome, adota-se preferencialmente a conexão

3 HART, George. A dictionary of Egyptian gods and goddesses. USA: Routledge, 1986. p. 151.

com "user" ou "o poderoso". A genealogia de Osíris aparece nos Textos das Pirâmides, a partir da V Dinastia, o que indica que a divindade pertencia à terceira geração da Enéade de Heliópolis.[4]

Osíris, um deus funerário vinculado aos procedimentos de sepultamento e associado à agricultura e ao ciclo de semeadura e de colheita, teve a sua pele representada na coloração verde, própria da vegetação. Além disso, o seu rosto e as suas mãos em preto suscitavam a cor do sedimento, ou do aluvião do rio Nilo, do qual a cevada e o trigo desenvolviam-se.[5]

A contraparte do rei do submundo Osíris é Rá, o deus solar. Hart levanta a hipótese de que o medo do sombrio Duat teria levado os egípcios a promoverem a ligação entre a escuridão, que envolvia Osíris, e a luz do mundo de Rá.[6] A mitologia teria se encarregado de aproximá-los de modo a torná-los complementares. Para Hart, as duas divindades eram, dessa forma, "almas gêmeas".[7] Rá supervisionou o funeral de Osíris, fato esse que não impediu a rivalidade entre os dois, apesar da complementariedade existente. Ainda, segundo Hart, alguns epítetos permaneceram associados a Osíris.[8] Os principais são os seguintes:

I. Khentamentiu, "o principal do oeste". O oeste faz alusão aos cemitérios lá situados, e Osíris, como divindade protetora funerária, retém esse título que pertencia à divindade chacal de Abydos. Também é no oeste que o sol se põe, momento no qual o astro adentra o Duat, região pertencente a Osíris;

4 A Enéade de Heliópolis é composta pelos seguintes deuses: Atum, Shu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Ísis, Seth e Néftis, conforme ALDRED, C. The Egyptians, London: Thames and Hudson, 1999. p. 99.

5 Para Geraldine Pinch, as cores verde e preta portadas por Osíris significavam, inicialmente, a putrefação da matéria e, depois, passaram a ter um sentido simbólico de morte e de regeneração. No Reino Novo, os líquidos que vertiam do corpo de Osíris (sêmen, suor, etc) foram associados à inundação do Nilo, com a conotação de vivificação trazida pela enchente do rio. In: PINCH, Geraldine. Egyptian mythology – a guide to the gods, goddesses and traditions of ancient Egypt, New York: Oxford University Press, 2002. p. 179.

6 HART, G. *Op. Cit.*, p. 158.

7 É comum encontrar nos textos sobre Osíris a expressão "alma". Porém, consideramos este termo anacrônico, preferindo em seu lugar, durante todo o artigo, a palavra original "ba". Os egípcios se referiam ao "ba" e ao "ka". O primeiro era a parte que se desprendia do morto e era representada por um pássaro alado, que retornava continuamente ao corpo embalsamado. Já o "ka" permanecia próximo ao corpo e precisava das oferendas para se alimentar.

8 HART, G. *Op. Cit.*, p. 152.

II. Aquele que habita em Andjet, em referência a Busiris e a Andjety;

III. Aquele que está na tenda do deus. Este título foi emprestado de Anúbis e se refere ao local onde se procedia à mumificação do morto, e

IV. Aquele que habita na casa de Serket, aponta para a proximidade de Osíris com a deusa escorpião Serket, também associada ao culto mortuário.

Como divindade universal, o culto de Osíris estava presente em todo o Egito, porém, possuía uma relevância maior em duas localidades: Busíris (Djedu) ou casa de Osíris, no Delta, e Abydos (Abdju), no Alto Egito. A figura da divindade estava relacionada simbolicamente à estabilidade e à continuidade da vida através da coluna-djed. No Livro dos Mortos, as vértebras de Osíris são associadas à coluna-djed.

Já à época das pirâmides a mitologia em torno desse deus desenhava-se a partir do seu assassinato pelo irmão Seth. Jogado às águas do rio Nilo, Osíris foi encontrado por Ísis, sua esposa e irmã, e, após recuperar seu corpo e ressuscitá-lo através da magia, a deusa pôde conceber um filho seu chamado Hórus, o deus-falcão. Essa parte da mitologia encontra-se representada no templo de Seti I em Abydos. Capelas e cenotáfios foram construídos pelos faraós nessa localidade, centro do culto de Osíris. O faraó morto era associado a Osíris, de modo que o monarca não só continuaria a viver no Duat, mas de lá poderia dar ordens ao mundo dos vivos. Hart[9] destaca que os aspectos sinistros de Osíris, que amedrontavam e assustavam, nunca se sobrepuseram aos aspectos positivos de sua personalidade.[10]

Hart acrescenta que a história do desmembramento do corpo de Osíris por Seth só apareceu em um período posterior.[11] De acordo com a lenda de Plutarco, Osíris e Ísis eram governantes do Egito. Seth queria derrubar seu irmão do poder e planejou um golpe. Durante um

9 *Idem*, p. 155.

10 Wilkinson comenta que a despeito de ser uma divindade benigna, Osíris detinha um poder aterrorizante. No Texto das Pirâmides, há fórmulas para o faraó se proteger do deus e o Livro dos Mortos chama-o de "o terrível". In: WILKINSON, Richard. The complete gods and goddesses of Ancient Egypt, London: Thames & Hudson, 2003. p. 119.

11 HART, G. *Op. Cit.*, p. 156.

banquete ele ofereceu uma caixa a qualquer convidado que nela se encaixasse perfeitamente. Não por acaso, essa caixa tinha as dimensões exatas de Osíris. Assim que este entrou nela, lá foi encerrado e jogado no Nilo para ser levado para o Mar Mediterrâneo. O grande objeto chegou a Biblos, no Líbano, e ficou preso no tronco de uma árvore. O rei da cidade, que precisava de madeira para a construção do templo, utilizou precisamente essa árvore. Ísis conseguiu resgatar a caixa contendo o corpo de Osíris e o escondeu no Delta do Egito. Mais tarde, Seth descobriu o seu paradeiro e cortou o corpo do irmão em quatorze pedaços, espalhando-os pelos distritos do Egito. Ísis partiu em busca das partes cortadas de seu marido, recuperando-as todas, menos uma: o falo. Assim, ela modelou um falo artificial a partir do barro.

Não é demais notar que Otto aponta para uma modificação do mito no decorrer do tempo.[12] Inicialmente, Hórus e Seth eram os irmãos rivais. Com o aparecimento de Seth no papel de irmão de Osíris e de tio de Hórus, este último se divide em I) Haroeris, "Hórus, o velho" e II) Harpócrates, "o jovem Hórus", filho de Ísis e de Osíris.

Ainda em relação à mitologia, podemos perceber o peso que o tema "a vida emerge da morte" tem na mitologia osiriana, a partir do nascimento de Hórus, quando Osíris já se encontrava morto, e do papel deste último como deus da fertilidade. A figura de Osíris ligava-se firmemente à morte e à imortalidade. Tanto a semente que brotava quanto o morto que ressuscitava e o filho póstumo, Hórus, estavam relacionados à ideia da vida emergindo da morte. Uma prática comum no Antigo Egito era colocar nas tumbas uma caixa de madeira, com o formato de Osíris, contendo terra, na qual eram depositadas sementes que, germinando, simbolizavam a ressurreição de Osíris. Havia uma correspondência entre a semente plantada, que se transformava em um vegetal desenvolvido, e o falecido, que descendo ao mundo de Osíris, poderia vir a renascer. Nos dois casos, a imortalidade se patenteava.

Segundo Aldred, o culto osiriano era contrário à ideia de uma vida post mortem nas regiões de luz, pois, diferentemente disso, o

12 OTTO, Eberhard. Ancient Egyptian art - The cults of Osiris and Amon. New York: Harry N. Abrams inc, s/d. p. 29.

falecido seguiria para o submundo, ali permanecendo.[13] Notemos que havia uma clara delimitação entre o reino dos vivos e as regiões que abrigavam os mortos. Acompanhando essa distinção encontramos também a representação do faraó. Este em vida era representado como Hórus, enquanto a partir da V Dinastia, os Textos das Pirâmides identificam o faraó morto à figura de Osíris, como uma personificação do rei do submundo. Osíris era representado como rei mumificado usando a coroa branca do Alto Egito. Ele era o juiz supremo da vida no outro mundo e era frente a ele que o falecido deveria prestar contas das ações praticadas em vida. No final da XII Dinastia, o culto a Osíris motivou a adoção de um ataúde antropomórfico, representando o falecido mumificado aos moldes de Osíris embalsamado.[14]

Estreitamente relacionado ao papel de juiz no Reino dos Mortos, que julgava quem merecia a vida eterna, Osíris foi também associado à deusa Maat, personificação da verdade e da justiça. Em relação a esse tema, Hobson enfoca a jornada realizada pelo falecido no texto do Livro dos Mortos.[15] Segundo a autora, Osíris presidia o julgamento do coração do morto, conduzindo-o, ou não, ao renascimento e à vida eterna. O morto levava na sua tumba encantamentos mágicos inscritos em um papiro para ajudá-lo a atravessar os obstáculos no além. Os sacerdotes inseriam o papiro nas bandagens da múmia ou colocavam-no dentro de estátuas ocas de madeira esculpidas na forma de múmias. O grupo desses encantamentos foi designado pelos egiptólogos de Livro dos Mortos.

O texto acima referido começa com as recitações dos sacerdotes. Estes, inclinados sobre a múmia, colocavam os amuletos por dentro das faixas que envolviam o corpo. Em seguida, era realizada a cerimônia da Abertura da Boca e dos Olhos. O falecido estava, então, pronto para se apresentar ao julgamento. Hórus era o encarregado de conduzir o morto, junto ao seu ba, perante o trono de Osíris, que se encontrava ladeado por Ísis e Néftis. O morto realizava

13 ALDRED, C. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 245.

14 ALDRED, C. The Egyptians. London: Thames and Hudson, 1999. p. 146.

15 HOBSON, Christine. Exploring the world of the pharaohs. London: Thames and Hudson, 1997. p. 170.

a confissão negativa, declarando as quarenta e duas ações que não teria feito em vida. Na sala do julgamento, o falecido usava um encantamento, escrito na base de um amuleto em forma de escaravelho, para garantir que seu coração não se contradissesse perante os deuses. O coração era entregue a Anúbis, cuja tarefa era pesá-lo. Do outro lado da balança, estava à espera a pena de Maat, enquanto Thot aguardava ao lado de Anúbis para anotar o veredito. Ammit, uma divindade híbrida, com cabeça de crocodilo, metade do corpo de leão e metade de hipopótamo, posicionava-se próxima, para que, no caso de um veredito negativo, pudesse devorar o coração, causando uma segunda morte ao já falecido. Mas os encantamentos do Livro dos Mortos garantiam ao seu possuidor uma passagem segura e sem problemas, de modo que Osíris julgasse-o "justo de voz".

Stroudhal esclarece-nos mais sobre os mencionados ritos funerários. Para ele,

> Longe de ser uma mera operação técnica, o embalsamamento era um ritual complexo que refletia as etapas pelas quais Anúbis se dispunha a ressuscitar Osíris. Por isso, era uma parte essencial do ritual funerário. Cada ação ia acompanhada da recitação dos textos apropriados, coisa que era tão importante como a própria operação. As pinturas do processo de embalsamamento eram sempre simbólicas, uma vez que os detalhes técnicos eram considerados secretos. Junto ao embalsamador, que traz uma máscara de Anúbis e se inclina sobre o corpo que repousa em um divã, vê-se às vezes um sacerdote-leitor lendo um papiro.[16]

Era Anúbis quem transformava o morto em Osíris, conferindo-lhe assim a imortalidade. Os vasos canópicos representam os filhos de Hórus, e são, respectivamente: Amset, com cabeça de

16 STROUDHAL, Eugen. A vida no Antigo Egito. Ediciones Folio: Barcelona, 2007. p. 258.

homem, guardava o fígado; Duamutef com cabeça de chacal, preservava o estômago; Hapi, com cabeça de babuíno, zelava pelos pulmões e, Quebsenuf com cabeça de falcão, vigiava os intestinos.

A cerimônia da Abertura da Boca e dos Olhos era a parte mais importante do ritual, tendo a função de estimular o funcionamento dos sentidos. O sacerdote tocava a boca da múmia duas vezes com a enxó e uma vez com o cinzel, esfregando-lhe leite em seguida. Depois tocava a múmia para que o ba retornasse ao corpo. O sacerdote oferecia, então, as oferendas ao morto chamando-o de Osíris: 'Levanta Osíris, ocupa teu lugar frente a esta miríade de oferendas.'[17]

Portanto, podemos concluir que a morte impregnava a vida dos antigos egípcios, que obcecados pela temática, preparavam-se para esse advento. Porém, se formos mais precisos, veremos que a preocupação que mais invadia a vida do egípcio era a procura por meios que garantissem a imortalidade. Assim, na busca da tão almejada imortalidade, foi se constituindo toda uma crença religiosa que pudesse dar conta desse problema crucial. Era muito importante para o egípcio poder pensar que a ressurreição era possível, de modo a mitigar a angústia frente ao nada que adviria de uma morte definitiva. O mito de Osíris oferecia essa preciosa função de afastar da consciência o vazio da morte. Havia esperança através da viabilidade da ressurreição. Mas isso não era tão simples. Para alcançar a vida eterna era necessário fazer uma difícil jornada, enfrentando situações perigosas e inúmeros obstáculos, estes vencidos com o uso de fórmulas mágicas e de encantamentos. Além do árduo acesso ao outro mundo, era necessário provar que o coração era digno de tal travessia. Osíris, personificando não apenas a fertilidade, mas a morte e a ressurreição, era uma das mais importantes divindades, pois, entronizado como rei no mundo dos mortos, julgava o merecimento ou não do falecido em continuar existindo.

Percebemos o quanto a mitologia estava presente na mente dos egípcios e que estes preparavam a sua morada pós-morte de acordo com ela. Destacam-se como pontos interligados na mitologia osiriana a morte, a ressurreição, a imortalidade e a fertilidade. Assim,

17 *Idem*. p. 263.

de posse dos elementos sobre a importância de Osíris e do seu culto, passamos agora a examinar a revolução religiosa instaurada por Akhenaton a partir de autores que trabalham esse tema.

Akhenaton e a nova religião

Aldred destaca que Akhenaton rejeitava a idolatria, pois considerava as imagens dos deuses meros produtos das mãos dos artesãos.[18] Em contrapartida a isso, o faraó teria desenvolvido uma concepção abstrata de divindade, designada simbolicamente pela luz do dia advinda do disco solar.

A fonte da força invisível da nova divindade era identificada a Ra-Harakhty, enquanto a manifestação visível do seu poder aparecia sob o nome de Aton. Para Aldred, a nova concepção da divindade se estendia para além do deus-solar, pois "Ele é o Universo que assimilou todos os outros deuses no seu ser".[19] E, ainda,

> o universo foi modelado pelo deus-sol imanente em Aton e ele cuidou sozinho da sua criação. Sua misteriosa mão está sobre tudo o que ele fez, embora ele esteja longe nos céus. Quando o Aton vivo descansa, o mundo torna-se escuro e hostil e dorme como a morte até o próximo dia, quando toda a criação sob o poder de Aton acorda e se rejubila.[20]

O autor cita o ponto de vista de H. Fairman, segundo o qual o ba do morto reaparecia ao nascer do sol para apreciar o mundo

18 ALDRED, C. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 7.
19 *Idem*. p. 239.
20 *Idem*. p. 241.

imaterial, retornando à sua tumba à noite.[21] Assim, os mortos e os vivos adormeciam ao pôr do sol e acordavam quando os seus raios apareciam pela manhã. Para Fairman, segundo Aldred, toda essa crença indicava uma tentativa de racionalizar as concepções anteriores. O morto e o vivo relacionavam-se com uma divindade invisível, única e autocriadora. Tratava-se de um culto simples que salienta a excitação da vida diária.

Aldred analisa as tumbas dos dignitários. Estes se dirigiam a Akhenaton como se ele fosse a encarnação de Aton e as invocações à divindade também eram endereçadas ao faraó. Na tumba de Ay, consta que o faraó é aquele que "me modelou" e para Pentu, ele é aquele que "faz as duas terras viver".[22] Os proprietários das tumbas solicitavam ao faraó comida no além e a possibilidade de estarem presentes na Terra para ver Aton nascer.

Hornung destaca que inicialmente o faraó Akhenaton aceitava a coexistência de Aton ao lado de outras divindades.[23] Aton era único, porém não reclamava exclusividade. A mudança radical ocorreu entre o terceiro e o quinto anos, atingindo não apenas a religião, mas a arte, a linguagem, a literatura e a administração. Na época em que o nome de Aton mudou,[24] a permanência de outros deuses deixou de ser admitida, especialmente Amon e Mut. Até mesmo o nome Amenhotep foi danificado. O falcão e a serpente-uraeus eram permitidos, mas, com o tempo, até a representação do faraó como esfinge foi abandonada.

Há, como fontes para conhecermos as idéias de Akhenaton, duas estelas, os hinos, as tumbas e as talatat.[25] Esse material relata

21 FAIRMAN apud ALDRED, C. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 247.

22 ALDRED, C. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 241.

23 HORNUNG, Erik. Akhenaten and the religion of light. London: Cornell University Press, 1999. p. 48.

24 Aton recebeu um segundo nome alguns anos após o faraó mudar o seu próprio nome para Akhenaton. O primeiro nome didático da divindade foi "Ra-Harakhty, que se regozija no horizonte em seu nome Shu que é Aton". O segundo nome dogmático mudou para: "Viva Rá, o regente do horizonte, que se rejubila no horizonte em seu nome Rá, o pai, que retorna como Aton". In: HORNUNG, *Op. Cit.*, p. 34 e 76.

25 Blocos decorados, medindo um palmo por dois, utilizados para construir os santuários de Aton, encontrados, nos tempos modernos, nas proximidades dos Templos de Karnak e de Luxor. In: HORNUNG, E. *Op. Cit.*, p. 38.

que Aton criava continuamente o mundo, mantendo sempre a vida. Aton era deus e rei ao mesmo tempo, usando o uraeus e recebendo o festival-sed. A divindade não era apenas o disco solar em si mesmo, mas a luz que havia no sol. Já o faraó era adorado enquanto soberano e nunca como profeta de toda a humanidade. Ele era chamado Nilo do Egito, e, no hino de Panehsy, rei das Duas Terras.[26] A salvação após a morte dependia da família real e por isso esta tinha a sua representação nas tumbas. Para Hornung,

> Akhenaton encontrou Aton por esforço intelectual ou intuição, isto é, ele descobriu a dependência do mundo da luz e pensou que isso poderia ser entendido como o princípio central a partir do qual tudo poderia ser derivado, uma fórmula cósmica que abarca tudo. Mas com a luz ele concebeu o visível e foi obrigado a negar tudo o que não pertencesse ao mundo visível: escuridão, além vida e as divindades do panteão, especialmente Amon o 'Oculto'.[27]

O autor aponta para o fato de que Akhenaton usava, em relação a Aton, as expressões "não existe outra divindade como ele" e "não existe outro senão ele", indicando um passo para o monoteísmo e para a exclusividade. Na tumba de Ay, encontram-se semelhantes expressões: "único como Aton, não existe nenhum outro senão ele", enquanto que no Hino de Aton aparece "não existe outro que te conheça", "você não deveria ter outros deuses antes de mim" e "ninguém chega ao pai senão por mim".[28] Segundo Hornung, o "sistema de pensamento com a luz como ponto de referência teve grande dificuldade com o lado escuro do mundo. A noite negava Aton e significava morte. Como diz o hino: quando você se levanta, eles vivem e quando você se põe eles morrem". [29]

26 HORNUNG, E. *Op. Cit.*, p. 56/7.
27 HORNUNG, E. *Op. Cit.*, p. 93.
28 *Idem*, p. 93.
29 *Idem*, p. 95.

A dependência da luz era total. Ela era um presente ou uma dádiva. Antes, a noite era preenchida com vida e a jornada noturna era narrada em detalhes, "mas agora a fase noturna não mais significava a regeneração da luz na escuridão, mas simplesmente a sua ausência. Onde o sol permanece por tanto tempo, nunca é declarado".[30] Vale ressaltar que o oeste, simbolizando o reino da morte, não fazia mais sentido algum.

Ao despontar pela manhã, Aton cuidava das necessidades tanto dos vivos quanto dos mortos, quando os bas recebiam alimentos. A tumba de Huy descreve como os bas eram chamados para receber pães, vinho, etc, e Aton fornecia vida a eles. No período de Amarna, os bas entravam no templo e recebiam oferendas. Na tumba de Tutu há uma correspondência entre vida e morte, pois consta: "levante-se de sua tumba de manhã para ver Aton quando surge. Lave-se e se vista como fazia na Terra".[31] O falecido se comportava como os vivos e seu principal desejo era olhar e acompanhar Aton, de forma que o despertar tornava-se um acontecimento em si mesmo que significava a renovação da vida.

Embora a presença de Amon tenha sido tolerada inicialmente, o culto a Osíris enfrentou desde bem cedo lutas e ataques. Hornung salienta que

> A despeito da afinidade com o sol, Akhenaton preferiu banir Osíris completamente da noção de pós vida; ele não permitiu que Osíris servisse como manifestação noturna do sol porque a sua popularidade teria se tornado um competidor na adoração a Aton.[32]

É comumente aceita a ideia de que, nesse momento, os templos dedicados aos outros deuses foram fechados por ordem do faraó. Akhenaton, irritado principalmente com as atitudes dos sacerdotes de Amon, teria se descontrolado, perdendo seus pontos de

30 *Idem*, p. 95.
31 *Idem*, p. 97.
32 *Idem*, p. 99.

referência quanto à harmonia e à contemplação da beleza da natureza, iniciando uma fase de impiedosa perseguição.[33]

Hinos a Aton

As tumbas de Amarna guardam, como legado de Akhenaton, o Grande Hino a Aton e mais cinco versões do Pequeno Hino. O Hino mais completo, constituído de treze colunas, encontra-se na tumba de Ay e foi parcialmente destruído em 1890. Passamos à análise do seu conteúdo, recortando os trechos que nos são pertinentes.

Grande Hino a Aton[34]

Aton é Senhor do Céu e da Terra. Foi quem deu início à vida e derrama seus raios sobre toda a Criação. No entanto, quando o disco solar não está nos céus, Akhenaton diz:

> Ninguém conhece o teu paradeiro (quando) descansas no horizonte ocidental. A terra está (então) nas trevas, à maneira da morte. Dorme-se no(s) quarto(s), as cabeças cobertas, um olho não pode ver o outro, todos os bens das pessoas podem ser roubados, (mesmo se) estiverem debaixo de suas cabeças, sem que elas percebam. Todas

33 Segundo a tese de Mahdy, Akhenaton não teria traído seus ideais, solapando o seu próprio ensino pacificador, para lutar contra seus detratores com o uso de violência. Para a autora não existem evidências arqueológicas que provem de modo irrefutável que os sacerdotes sofreram pressão ou terror a mando de Akhenaton. MAHDY. C el. Tutankhamen. London: Headline Book Publishing, 1999. p. 202.

34 Os trechos citados dos Hinos são de tradução de CARDOSO. In: Hinos ao Aton atribuídos ao faraó Akhenaton (1353-1335). Texto inédito, cedido pelo autor em 2008.

> as feras (leões) saem de seus covis, todos os répteis picam (na) escuridão (desprovida de) luz! A terra está em silêncio, (pois) aquele que criou os seres repousa no seu horizonte. (Quando) vem a aurora e te levantas do horizonte, tu brilhas em tua qualidade de disco solar durante o dia, dispersas as trevas e oferece os teus raios.[35]

Tendo em vista que, por trás da divindade escolhida, há um conceito abstrato de energia que produz e mantém a vida, podemos pensar que as imagens utilizadas pelo faraó (luz, trevas, feras) são metafóricas. Aton abençoa as criaturas com vida e alegria, e, enquanto os seres permanecem olhando confiantes para o seu Criador, nada de mau lhes advêm. É possível interpretar que, enquanto a luz é uma referência para o que seja construtivo, as trevas simbolizam o afastamento dos seres da luz de Aton. Então, a noite representa o estado do ser que optou por um mundo sem Aton. Nesse caso, longe do abrigo da luz, animais perigosos e sinistros podem se aproximar, desencadeando o padecimento e o medo decorrentes de se estar nas sombras.

Quanto a esse tema, ao contrário de algumas opiniões acerca da negligência de Aton quanto ao sofrimento das suas criaturas,[36] Akhenaton assevera que os raios de Aton

> fazem viver o filho no ventre da mãe, acalmando-o para que não chore - (como) uma ama de leite no útero que dá

35 CARDOSO, C. Hinos ao Aton atribuídos ao faraó Akhenaton (1353-1335 a.C.). p. 2.

36 À guisa de ilustração, em relação ao conteúdo do Hino, Cardoso nele constata uma "incapacidade de lidar com a dor, as dificuldades, não se dispondo de meios religiosos para lidar com estes fatos inerentes à condição humana." In: CARDOSO. A segunda morte de Osíris e o fim da transcendência. Projeto de Pesquisa do Departamento de História, UFF, Niterói, 2009. p. 8. Em relação à concepção de Akhenaton, Redford acredita que é "fria", que o disco "não mostra compaixão pelas suas criaturas". In: REDFORD, Akhenaton, the heretic king, p. 178. Porém, pensamos que não é porque o Hino não se remete às desgraças que acometem os seres viventes que Akhenaton se esqueceu ou refutou esse fato inegável da vida. Basta olhar para as cenas de luto presentes na tumba do rei em Akhetaton. Também, como pensar em "frieza", diante do comovente louvor ao astro que dá a vida e a mantém em equilíbrio? Pensamos que há uma inegável beleza poética na imagem de Aton doando seu calor e sua energia através de seus raios que terminam em mãos.

> o sopro para fazer viver tudo o que ele quiser criar. Quando ele sai do ventre para respirar no dia de seu nascimento, tu abres completamente a sua boca e lhe proporcionas o que lhe é necessário.[37]

Há uma Providência que ampara, auxilia e protege o ser, cuidando de suas necessidades, ao lado de uma Inteligência que regulou todas as coisas no momento da Criação do mundo. Assim ele diz:

> tu colocas cada homem em seu lugar (apropriado) e crias o que lhe é necessário: cada um dispõe de seu alimento e o seu tempo de vida está exatamente calculado; as (suas) palavras, a sua aparência igualmente; as cores de suas peles são diferentes, (pois) distingues os povos estrangeiros. Tu crias a cheia do Nilo (...) Quão eficazes são teus desígnios, ó Senhor da eternidade! A inundação celeste existe para os habitantes e os animais.[38]

Nada é aleatório, pois os métodos de Aton são eficazes para manter a Criação em ordem e em pleno funcionamento. Akhenaton parece desenvolver uma percepção de que havia uma força regulando e controlando o mundo, bastando que os seres com ela se harmonizassem para obter uma vida plena e harmoniosa. O disco solar está disponível e à vista: "Todos os olhos te encontram quando contemplam diretamente, (pois) tu és o Aton do dia e estás acima da Terra." Ao dizer sobre as criaturas que "Quando te levantas elas vivem; quando repousas elas morrem", podemos cogitar tanto no trabalho durante o dia e no sono noturno quanto no simbolismo utilizado por Akhenaton de que Aton é o doador da vida e que esta só se mantém enquanto ele assim o desejar.

37 CARDOSO, C. Hinos ao Aton atribuídos ao faraó Akhenaton (1353-1335 a.C.). p. 4.
38 *Idem*, p. 6.

A nova concepção de Akhenaton adota a luz solar como ponto de referência. Esta luz simboliza vida, calor, energia, ordem e harmonia. As trevas e a escuridão são pouco valorizadas e uma maior expressão é dada para a força de Aton. A morte é associada ao afastamento da luz, assim, o falecido, que não se esquece do disco solar e pela manhã se dirige ao Templo de Aton, permanece vivo. De modo que não são mais necessários os rituais do Livro dos Mortos para manter aquele que morreu redivivo. A vida - em qualquer lugar - depende da ligação com a fonte primordial de luz ou Aton.[39]

Pequeno Hino a Aton

Os principais elementos do Grande Hino repetem-se na pequena versão. Os raios de Aton chegam ao faraó e à sua nova cidade, levando alegria e provisões. Apesar de Aton ser o Criador de todos os seres, mantém com Akhenaton uma relação privilegiada, tornando o faraó seu filho único e sacerdote purificado. É possível que o relacionamento especial entre a divindade e seu filho fosse sustentado pela nova percepção que o faraó alcançou de Aton. Ele, o monarca do Egito, pôde compreender o significado do sol material e do sol simbólico e imaterial, encarregando-se da missão de exaltar o deus, servindo de guia aos outros.

O nascer do Aton vivo inspira amor nas suas criaturas. Ele é o pai e a mãe de todos os seres que criou. Aton renova diariamente a

39 Aldred acredita que o texto do Grande Hino traz pouca novidade. Para ele, a criação do universo por um deus sozinho é antiga e suas ideias e frases são familiares à literatura religiosa. Assim, "a sua novidade não reside no que é dito, mas no que é deixado de fora", pois não há nenhuma menção aos outros deuses egípcios. Mas embora diga que não existe panteísmo presente no Hino, mas, sim, um "austero monoteísmo sem precedentes no mundo da Idade do Bronze", não toma esse fato como algo original ou mesmo diferente de tudo na época. In: Akhenaten - King of Egypt, p. 244. Reeves também compartilha o ponto de vista de Aldred quanto à presença nos Hinos de poucos elementos novos. Para ele, os temas refletem a filosofia da cultura oriental da época e afirma que mesmo os sentimentos presentes nos Hinos já apareciam nos Textos dos sarcófagos e no Hino para Amon (papiro Bulaq 17). In: REEVES, Nicholas. Akhenaten, Egypt's false prophet. Thames and Hudson: Londres, 2001. p. 145.

vida de todos aqueles que o contemplam, o adoram e se rejubilam frente à sua majestade. Assim, os seres vivem quando o disco brilha nos céus, porém,

> (Quando) repousas no horizonte ocidental do céu, eles jazem à maneira daquele que está morto: suas cabeças estão cobertas e suas narinas estão bloqueadas, até que aconteça que brilhes de madrugada no horizonte oriental do céu (e) seus braços saúdem o teu ka. Ao reanimares os corações com tua beleza, vive-se.[40]

Podemos supor que a expressão "morte" foi empregada no sentido de morte espiritual mais do que no de morte física, de modo que um vivo pode estar morto (espiritualmente falando) e um morto pode estar vivo. O sentido exato desse "espiritualmente falando" não pode, no entanto, ser precisado por nós. Trata-se de uma hipótese para explicar o que o próprio autor dos Hinos não deixou claro. Mas é possível que Akhenaton acreditasse que a fidelidade do morto em seguir Aton fazia-no permanecer vivo e talvez presente no mundo, ou seja, na Terra, mesmo que apenas de modo invisível.

Diferenças e semelhanças entre a religião tradicional e a Nova Teologia Solar

Após as considerações sobre a mitologia de Osíris e as concepções religiosas de Akhenaton, vamos refletir sobre as diferenças e semelhanças entre as duas concepções. Aldred destaca que Akhenaton fez cessar a menção a Osíris e aos deuses do ciclo de Heliópolis, nos textos funerários, assim como derrubou o epíteto

40 CARDOSO, C. Hinos ao Aton atribuídos ao faraó Akhenaton (1353-1335 a.C.). p. 12.

osiriano "justificado" dos títulos do falecido.[41] O plural "deuses" desapareceu, pois passou a existir apenas um deus. O ritual de alimentar e vestir as estátuas dos deuses foi condenado. Era característico da religião do Reino Novo a representação da trindade Pai-Mãe-Filho. Assim, Amon-Mut-Khonsu formavam uma trindade e Osíris-Ísis-Hórus, outra. Ao contrário da tríade de Osíris e de Amon, Aton não tinha consorte. Aldred parece sugerir que nesse contexto é como se Akhenaton colocasse Nefertiti, as filhas e a si mesmo como a família sagrada para adoração.[42] A representação da família real foi encontrada até mesmo nas capelas das casas de Akhetaton. Os ushabtis - pequenas estátuas representando os servos que iriam trabalhar pelo proprietário da tumba - não desapareceram, mas os textos deixaram de conter as fórmulas mágicas anteriores retiradas do Livro dos Mortos. Também a mumificação, os sarcófagos e os vasos canópicos foram mantidos. A supressão do culto aos outros deuses modificou necessariamente as crenças sobre a vida após a morte. Uma nova escatologia foi inserida. Akhenaton passou a se encarregar de cuidar dos seus súditos depois da morte. A ele eram dirigidas as orações e súplicas em favor da vida no além. Segundo Aldred, "o morto pede por favores mortuários ao rei que é o único doador de tais privilégios".[43] O ba não passava mais pela Sala das Duas Verdades, lugar onde o coração do falecido era pesado em frente a Osíris. Ao invés das cenas referentes ao mundo do além, percebe-se nas paredes das tumbas de Akhetaton, o sol nascente e o faraó em adoração acompanhado da rainha.

Hornung aponta para o fato de que, enquanto as tumbas eram de início colocadas no oeste, depois passaram para o leste, desconsiderando o poente como referencial da morte. Nos Hinos não se fala do sol no Duat, mas do sol em Akhetaton. O autor salienta que

> as tumbas eram meras casacas para o corpo. O morto não vivia nas tumbas, mas na Terra. Só raramente se fala em

41 ALDRED, C. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 245.

42 *Idem*. p. 241.

43 *Idem*. p. 246/7.

> Duat. Basicamente não há mais um depois da vida e especialmente nenhum mundo do reino da morte. O mundo da morte não é mais distinto do da vida e Aton brilha sobre ambos. A fronteira entre esta vida e a próxima foi reduzida.[44]

Não havia mais a necessidade de uma porta falsa porque o ba era livre para se movimentar, da mesma forma que o falecido não se ressentia de uma passagem para um outro lugar, pois a concepção de um atravessamento de um mundo para outro estava ultrapassada. Para Hornung,

> A continuidade da existência corporal ou regeneração era inteiramente irrelevante em Amarna: o que era crucial era a existência como 'ba vivo'. Contudo, permaneceu o desejo de que o ba pudesse novamente se unir ao corpo de modo que a totalidade da pessoa seria restabelecida.[45]

Como destaca Hornung, a concepção de vida após a morte sofreu grande modificação, mas alguns rituais foram preservados. Já que apenas a luz de Aton era importante, as múmias eram desnecessárias[46] e a regeneração do corpo não tinha mais sentido. Somente na tumba de Huya foram encontradas representações de luto e enterro com imagens de múmia. O escaravelho como símbolo de regeneração desapareceu das oficinas - escaravelhos com nome de Akhenaton são raros, mas existem ushabtis. Tradicionalmente eles trazem o nome do morto como Osíris, enquanto os de Akhenaton só trazem o seu nome. A vida após a morte não implica mais em um reino específico para o morto. As provisões só poderiam ser recebidas por meio do faraó. Dessa forma, "Quem era lealmente devotado a ele

44 Hornung, E. *Op. Cit.*, p. 96.

45 *Idem*, p. 97.

46 Percebe-se que no tocante às múmias, há certa controvérsia entre os autores. Enquanto Aldred afirma que esta tradição foi conservada, In: ALDRED. Akhenaten, King of Egypt. London: Thames and Hudson, 1999. p. 246, Hornung coloca este costume sob discussão.

sobreviveria à morte (....). Sem essa lealdade não haveria vida após a morte".[47] Na casa de Ramose, há inscrições sobre as garantias dadas por Akhenaton. As crenças sobre o pós-vida eram: "o morto dorme à noite e de dia acompanha Aton e a família real ao templo onde todos recebem provisões" e "ainda há vida após a morte, mas o rei é o responsável por isso enquanto senhor das provisões nesta vida e na próxima".[48] Para Akhenaton o reino da morte coincidia com o espaço do templo de Aton. As fórmulas para orientação e proteção no outro mundo deixaram de ser necessárias e o Livro dos Mortos caiu em desuso em Amarna. Talvez a concepção atoniana supusesse que, desde que o ba fosse livre de movimento, ele poderia participar das oferendas no templo. Hornung compara esse fato com a imagem na qual o ba seguia a barca do deus sol.

Ao conjunto dos elementos mitológicos osirianos rejeitados por Akhenaton, Cardoso denomina de "aspectos negativos" da nova religião. O caráter negativo ou de negação atinge, segundo o autor, a dimensão transcendental mítica, retirando de cena tudo o que se refere a um mundo exclusivo dos mortos. No entanto, para o autor, apesar do local próprio para os falecidos ou Duat, a mitologia osiriana pôde criar um ponto de contato com o mundo divino: o momento do ocaso de Rá, quando então, a divindade solar encontra-se com Osíris, renovando-se a energia para o renascimento de Rá e para a permanência de Osíris. Para Cardoso,[49] isso não acontece sem consequências. Passamos a relacioná-las.

A legitimidade do poder do faraó sempre esteve ligada ao aspecto solar (origem divina como Filho do Sol) e ao aspecto ctônico (Hórus enterra o pai e herda o trono). Com Akhenaton, só permaneceu o primeiro aspecto, o que possibilitou manter um conjunto de rituais para adoração de Aton, mas, sem desenvolver o aspecto ctônico, não foi possível fornecer conteúdo mítico e mágico.

Tradicionalmente haviam dois tipos de eternidade: uma cíclica do percurso solar - neheh e a outra linear relativa a permanência de Osíris no Duat - djet. As duas modalidades de

47 Hornung, E. *Op. Cit.*, p. 102.

48 *Idem*, p. 102.

49 CARDOSO, C. A segunda morte de Osíris e o fim da transcendência. Projeto de Pesquisa. Departamento de História, UFF, Niterói, 2009. p. 2.

eternidade fundavam duas temporalidades, uma cíclica, outra linear. Segundo Cardoso, com a crença em Aton, a temporalidade djet ficou sem sustentação, restando unicamente a temporalidade cíclica do sol. Para o autor,

> Trata-se do disco solar em si mesmo visto como manifestação da luz, o qual está ao mesmo tempo longe (na altura celeste de onde contempla o mundo, sua criação exclusiva, renovada a cada amanhecer) e perto, já que seus raios atingem a terra e até o interior do mar e ali atuam, mas, no mesmo mundo onde se situa, na terra, o seu filho Akhenaton.[50]

Na nova concepção religiosa, havia apenas o tempo real como é demonstrado pela arte amarniana. Esta considerava e privilegiava representar cenas que de fato tinham ocorrido.

Os faraós anteriores edificavam templos chamados "mansão de milhões de anos" que funcionavam como templos funerários, mas também como lugar de culto ao faraó. Akhenaton não construiu tal estrutura, destinado o templo menor de Aton para a execução de atividades dessa natureza.

Em relação ao culto funerário, são percebidas mudanças. Embora a tradição tenha sido mantida, a preparação da múmia não tinha mais a mesma relevância do período anterior. As tumbas passaram a ser construídas ao leste do rio Nilo e não mais ao oeste. O tratamento dado à figura do falecido sofreu alteração. No período anterior, a representação deste era a mumiforme. Depois, passou-se a representá-los da mesma maneira como se fazia com as pessoas vivas. Isso fica evidente ao se observar a princesa Mekhetaton nos relevos da tumba real em Amarna. Com o nascer do sol, os mortos acordam, vestem-se e comportam-se como os vivos, dirigindo-se ao Grande Templo de Aton para adoração e para alimentação. A eliminação do mito de Osíris suspendeu com a necessidade da magia contida no

50 *Idem*, p. 3.

Livro dos Mortos. Em relação ao papel protetor, junto ao morto, das deusas Ísis e Néftis, vê-se este papel sendo tomado pelas mulheres da família do falecido.

Por outro lado, Cardoso considera que muitos dos aspectos positivos da religião atoniana, na verdade, não eram novidade.[51] Por exemplo, as referências à natureza nas pinturas dos pisos dos palácios de Akhetaton, apontadas como um novo estilo, já podiam ser vistas a partir da V Dinastia, no Templo de Niuserra. Da mesma forma, a natureza era mencionada em hinos anteriores aos Hinos de Akhenaton. Os templos sem teto de Amarna tampouco seriam os primeiros modelos, pois em Heliópolis já eram feitos cultos a céu aberto. Na mesma linha de pensamento, o autor mostra que a importância de Nefertiti enquanto representante real feminino não foi inaugural, visto que Tetisheri, Hatshepsut e Tiy apareceram como figuras de destaque antes da rainha de Akhenaton. De um modo geral, o movimento que levou ao incremento tanto do deus dinástico quanto do culto do soberano já ganhava expressão desde tempos anteriores ao faraó de Aton. O novo, no entanto, parece ter sido a síntese dos dois processos mencionados, ou seja, o crescimento do papel da divindade e do culto do faraó, levando a solarização ao extremo (Nova Teologia Solar). Assim, para Cardoso, "Amarna parece ter sido a forma mais radical que tomou tal solarização, mas o fenômeno em si já era bem antigo".[52] Definidos esses pontos, Cardoso conclui que a originalidade de Akhenaton está no radicalismo dos aspectos negativos e no exagero dos positivos.

Prosseguindo na discussão sobre as semelhanças e diferenças entre a religião tradicional e a Nova Teologia Solar, S. D'Auria acrescenta que, enquanto o Livro dos Mortos constituíam os textos funerários de domínio do povo comum, o Amduat - o que se passa no submundo -, concernia exclusivamente à realeza. Havia assim uma distinção, pois "enquanto os faraós uniam-se à divindade solar na morte, viajando no barco solar, o indivíduo comum era julgado diante

51 *Idem*, p. 5.
52 *Idem*, p. 5.

de Osíris e seus corações eram pesados em relação à pena da Verdade".[53]

No seu estudo sobre as mudanças ocorridas ao tempo de Amarna, a autora busca verificar a apresentação das tumbas da XVIII Dinastia. No Vale dos Reis, as tumbas continham o sarcófago, os vasos canôpicos e os ushabtis. Percebe-se que a decoração das paredes mostra a jornada do sol durante as doze horas noturnas que o astro passa no Duat. As cenas referem-se ao Livro do Amduat. Nas tumbas dos nobres, um pouco menos elaboradas do que as dos faraós, o proprietário da tumba era retratado em cenas da vida cotidiana, como a pesca, a caça e a preparação do solo para semeadura e a colheita dos grãos. Nas cenas religiosas, o dono da tumba aparece fazendo oferendas aos deuses. É comum a figura do faraó estar representada nestas tumbas.

Na passagem do período tradicional para o amarniano, as tumbas de Amarna guardam a clássica estrutura arquitetônica de Tebas, ou seja, a forma em "T", com colunas e corredores, além das pinturas decorativas. Na tumba de Huya, servidor da Rainha Tiy, aparece a representação de ritos funerários com a múmia e o sacerdote, indicando que alguns ritos permaneceram, embora sem as menções a Osíris. Porém, o conteúdo das cenas das demais tumbas é outro. Vê-se uma concentração maior nas ilustrações da família real em diversas atividades, como na adoração a Aton ou no deslocamento do Templo ao palácio.

Ainda em relação à transição, a tumba de Ramose, vizir e prefeito de Tebas, é interessante, tendo em vista que traços tradicionais convivem ao lado da nova arte. Nela, Akhenaton aparece representado nos dois estilos, ora sentado sob um dossel, ora mostrando-se na "Janela das Aparições". Parennefer possuía uma tumba em Tebas e outra em Amarna. Na primeira já aparecem Akhenaton e Aton, contudo, o faraó está dirigindo orações a Osíris e Anúbis, como clara indicação da admissão de outras divindades no início do reinado do faraó.

53 D'AURIA, Sue H. Preparing for eternity. In: FREED, Rita E. et al. Pharaohs of the sun. New York, London: Bulfinch Press/ Little, Brown and Company, s/d. p. 162.

D'Auria mostra que a tumba real em Akhetaton traz cenas com a família real adorando Aton. A divindade solar é representada cinco vezes com o seu tamanho aumentando gradativamente na medida em que atravessa o céu. Aparecem cenas de luto e nos cantos do sarcófago real está Nefertiti tomando o lugar das deusas Ísis e Néftis. Há um local específico para os vasos canópicos e foram encontrados ushabtis de vários tipos de materiais (faiança, madeira, etc..), porém, o texto que acompanha a maioria deles não foi retirado do Livro dos Mortos, mas trata-se de fórmulas portando o nome de Aton.

As tumbas dos oficiais - 44 ao todo, 17 ao norte e 27 ao sul -, trazem em sua decoração uma marcante mudança em relação às dos nobres de Tebas. Na entrada, vê-se um lintel com o falecido contemplando cartuchos de Aton, Akhenaton e Nefertiti. Os textos gravados nas paredes referem-se a Aton. Há variações do Grande Hino em algumas tumbas. As referências a Abydos e a Osíris não existem. Segundo D'Auria, "para o falecido, a perigosa jornada ao submundo foi substituída por uma existência terrena, passando o tempo tomando sol durante o dia, recebendo oferenda do Templo e retornando à tumba durante a noite".[54]

Também as cenas cotidianas do estilo clássico apresentadas na necrópole de Tebas foram substituídas por um tipo particular de decoração. No novo estilo, a pessoa do morto - que antes tinha aspectos de sua personalidade individual representados -, quando aparece, tem a clara função de "enfatizar a absoluta dependência dos oficiais de Amarna em relação à generosidade do rei na vida e na morte. (...) O rei não é mais um passivo receptor de homenagens como no início da XVIII Dinastia, mas um participante na ação",[55] representada nas tumbas. Como exemplos, na tumba de Huya estão registradas duas cenas de banquetes e em ambas a família real toma parte. Na tumba de Mahu, chefe de polícia, este aparece ao lado da família real enquanto esta inspeciona as carruagens.

Desse modo, o parecer a que chega D'Auria é o de que,

54 *Idem*, p. 171.
55 *Idem*, p. 171.

> em decorrência da pequena quantidade de artefatos funerários do período amarniano, é difícil oferecer amplas conclusões; no entanto, a partir dos artefatos amarnianos e das ilustrações funerárias da decoração das paredes, parece que as velhas práticas não foram eliminadas, mas modificadas para servir às novas crenças.[56]

Considerações Finais

Percebemos que embora a Nova Teologia Solar tenha emprestado alguns elementos das épocas que a precederam (adoração ao sol, divinização da figura do faraó, templos sem teto), e também dela tenha mantido alguns costumes (sarcófagos, vasos canôpicos, ushabits), importantes alterações podem ser nela verificadas. Prescindir de um corpo mitológico para explicar os fatos da vida (como era comum antes e ainda o é hoje em dia), reflete uma postura diferente, desprendida da necessidade de magia - e, talvez, de superstições também -, encarando a vida sob o prisma do real, com menor interferência do imaginário. Não há demanda por figuras fantásticas. O perigo não se concretiza na ameaça de um julgamento, no qual, em verdade, o próprio juiz, Osíris, seria enganado pelas fórmulas mágicas. O curioso do mito de Osíris é justamente que a divindade pode ser ludibriada pelas artimanhas dos homens. Na concepção de Akhenaton, há uma espécie de pureza nas intenções de Aton e da própria criatura. Este é um fato que agride alguns comentadores, talvez queixosos da ausência de um mito e ressentidos pela "simplicidade" da religião atoniana, como se, sendo singela, ela fosse, ao mesmo tempo, desprovida de méritos intelectuais e axiológicos. Akhenaton inovou, sim, ao apresentar uma religião de um único deus, protetor e doador de vida, cujo culto era a demonstração de gratidão por parte dos seres criados, sem a

56 *Idem*, p. 173.

parafernália imaginária e de má-fé do ser criado, que trapaceia no trato com a divindade. Sem dúvida, o lema principal da sua religião e filosofia de vida "Vivendo na Verdade", trouxe como consequência a lealdade e a confiança em Aton. E Akhenaton continuou inovando com sua mentalidade de paz e harmonia, sem pretensões de conquistas territoriais. Também ele foi novo ao conceber a vida sem linhas divisórias, declarando com isso que o estado de vivo ou morto depende muito mais da natureza boa ou não do ser em questão do que o estado físico da pessoa.

Portanto, constata-se que o movimento feito pela religião de Akhenaton estava na contramão da longa tradição egípcia, pois enquanto a última focalizava toda a sua crença e ritual no além, o culto atoniano permaneceu intocado pela constelação mitológica tão característica da religiosidade egípcia. A tradição considerava a morte atrelada ao lado escuro e sombrio, destacando os obstáculos a serem vencidos e uma vida devotada ao pensamento sobre o Duat. Akhenaton festejava a luz, a vida e a alegria, tanto durante a vida quanto na concepção do que seria depois da morte. Exaltava as manifestações da energia solar e o convívio em família. Buscava cultivar a harmonia e a paz, encaminhando-se mais para a construção de relações pacíficas do que a incessante busca de honrarias em conquistas bélicas. Isto tudo reflete uma inversão de valores que atingiu profundamente a imagem do faraó, provocando, talvez, a insustentabilidade do culto a Aton. Para os antigos egípcios, acostumados aos excessos de demonstração de poder dos faraós precedentes, deve ter sido um desafio compreender e assimilar a simplicidade da mensagem de Akhenaton: viver em paz consigo e com os outros, celebrando o dom da vida.

A sensibilidade de Akhenaton recusou os velhos procedimentos de preparação para a ressurreição. Sua inspiração revelava outras finalidades para a vida, que não a preocupação material após a morte. A morte, enquanto contingência do grande fato de existir, era aceita como uma parte naturalmente administrada pela força de Aton. O ser humano não deveria se preocupar com a morte, mas sim com a vida, pois a primeira como prosseguimento da segunda não tinha um caráter de excepcional mudança. Para Akhenaton, o assunto que dizia respeito ao ser humano era a condução de si mesmo enquanto vivo, no aqui e no agora. No entanto,

longe de estabelecer um código moral de ações materialistas, o faraó buscava desabrochar a sensibilidade dos seus seguidores, confiando que algum bem adviria da apreciação da beleza da existência e do mundo. Prezava muito mais a expansão de um mundo interior belo do que toda a crença em rituais de passagem e em fórmulas mágicas, produzidas com a finalidade de escamotear a verdade. O fato é que o ensino de Akhenaton é esmagador pela sua simplicidade: há uma sabedoria reguladora que subjaz a tudo. Bastava que a criatura não se interpusesse com a sua ambição, gerando a desarmonia.

RECEBIDO EM: 05/09/2014
APROVADO EM: 27/10/2015